

08/02/2018 - 05:00

O discreto terror que assombra a burguesia dos EUA

Por **Edward Luce**

Há quase 20 anos, o colunista David Brooks captou o espírito de uma era nos EUA. Seu livro "Bubos no Paraíso" saudou o casamento entre os radicais boêmios dos anos 60 e a burguesia caça-dinheiro dos anos 80. Os burgueses boêmios (bubos) foram sintetizados no casal Clinton. Em vez das elites episcopais dos EUA, surgia o establishment meritocrático. Qualquer um com talento podia se juntar ao grupo. "De cada um de acordo com suas capacidades, para cada um de acordo com as suas capacidades", escreveu Brooks.

Essa elite não gostava do consumo de ostentação e da cultura da ignorância. Na época, como agora, Donald Trump encabeçava a lista dos párias. Sua vitória ao mesmo tempo reforça e estiliza a visão de mundo dos bubos. Por trás da convicção dos equívocos de Trump oculta-se um temor sobre o qual não se ousa falar. Trump é uma distração, que desvia a atenção de um ajuste de contas que não pode ser adiado para sempre.

O que as elites dos EUA vão ver quando olharem para dentro de si? Primeiro, o choque da autoidentificação. Os burgueses boêmios pensaram que podiam ficar só com os prós: acúmulo de capital e convicção moral, sem nenhum contra. Se você estudasse muito e fizesse por merecer, então haveria espaço de sobra no topo para você.

Havia, porém, um erro nesse raciocínio. As elites dos EUA acumularam mais riqueza do que conseguem gastar. Isso cria três problemas para os demais. Primeiro, as elites investem seu superávit para perpetuar sua vantagem. Crianças criadas em bairros mais pobres, com escolas medíocres, têm pouca chance nesse cenário. Seus pais não conseguem se equiparar ao capital social dos mais ricos. A ponte levadiça está subindo. A diferença entre realidade e autoimagem de abertura da meritocracia é grande. Psicólogos chamam isso de "autodiscrepância". Economistas, de barreiras à entrada.

A segunda consequência de uma riqueza tão vasta é criar outros tipos de escassez. Como a maioria das pessoas possui bens agora básicos - carros, celulares e educação universitária - bens materiais não são indicadores de sucesso. O consumo escancarado é desprezado. Bens raros, como ter um diploma da Ivy League, o clube das universidades mais prestigiosas dos EUA, ou morar num bairro em que não se precise de carro, são disputados insanamente.

O mesmo vale para as vantagens culturais. As elites americanas pregam o evangelho das vantagens da chamada formação Stem (sigla em inglês para ciências, tecnologia, engenharia e matemática). Mas o capital social consiste em saber o que dizer, a quem dizer e quando dizer, o que é uma habilidade refinada. O aprendizado técnico é para os demais. Os filhos das elites aprendem a levantar dinheiro para causas filantrópicas. Economistas definem isso como um bem posicional. Sociólogos chamam de sinalização de virtude. Trump chama de politicamente correto.

O terceiro problema é o mais difícil de consertar. Como há demasiado capital em busca de poucas oportunidades de investimento -- que Lawrence Summers, ex-secretário do Tesouro dos EUA, chama de "estagnação secular" - os EUA de hoje são amaldiçoados por uma corrida armamentista educacional. Os cargos disponíveis não estão à altura das qualificações que a geração Y vem adquirindo. Não há nada tranquilizador em fazer parte das classes de hoje que aspiram ascensão social. As crianças precisam estudar mais e por mais tempo do que seus pais para encontrar empregos que frequentemente não compensam o esforço.

Os filhos dos mais ricos não precisam de créditos estudantis e vivem do capital dos pais. Os demais têm dificuldade para justificar as despesas. É como se fossem levados à terra prometida, mas após o por do sol. A relação entre esforço e resultado vem piorando. Quanto mais pessoas estudam, menor o retorno da formação educacional. Você sempre precisa de mais credenciais, que a maioria não tem como arcar. Em vez de capital, os perdedores acumulam frustrações.

O que nos traz de volta a Trump. "Adoro os que tiveram ensino fraco", disse ele durante a campanha presidencial de 2016. Parecia ser um sentimento grosseiro. Ainda assim, agradou a muitos já que era o oposto do que os outros políticos diriam. Os tuítes de Trump traem sua semialfabetização. Ele escreve a palavra "deles" quando quer dizer "lá" ("their" por "there"). Ele escreve "sem presidente" quando quer dizer "sem precedente". Ele usa aspas onde não deveria.

As excentricidades de Trump servem de consolo para as elites cognitivas. Ele valida nossa superioridade moral. Mas também se alimenta dela. Em algum lugar de nosso subconsciente burguês está a percepção de que Trump não foi um acidente. Ele segura um espelho rachado no qual vemos nossas ilusões. Quando caçamos dele, ele se fortalece. Quando ele provoca, nós tropeçamos. Ainda assim, não conseguimos nos conter. Ele é profundamente ultrajante.

É aí que está nosso segredo mais íntimo. Precisamos de Trump tanto quando ele precisa de nós. É uma simbiose medonha. Sem Trump, não haveria distração. Seríamos obrigados a examinar se estamos à altura dos nossos próprios valores. Será que adoramos os que têm ótimo ensino? Será que eles merecem ser celebrados pelos méritos de suas credenciais? Ou deveríamos reavaliar o que achamos ser uma sociedade justa?